



UM ENCONTRO DE SARTRE COM O QOHELET: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A NÁUSEA E O ECLESIASTES

**When Sartre meets the Qohelet: an comparative analysis
between The Nausea and The Ecclesiastes**

Diego Pereira de Andrade*



* Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC). Pós-graduando em Apologética pela FBC.

RESUMO:

O que o pensamento existencialista sartreano tem a ver com *Eclesiastes*? O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise geral do romance *A Náusea*. Em seguida, selecionar e explicar os principais temas abordados na obra e, por fim, fazer uma análise comparativa com o livro sapiencial de *Eclesiastes*, procurando identificar as aproximações e distanciamentos entre Jean Paul Sartre e o *Qohelet*¹.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre, existencialismo, sentido da vida, literatura comparada, *Eclesiastes*.

ABSTRACT:

.What does Sartrian existentialist thinking have to do with the *Ecclesiastes*? This article aims to make a general analysis of the novel *Nausea*. Then select and explain the main themes covered in the work and, finally, make a comparative analysis with the relevant book of *Ecclesiastes*, trying to identify what the approximations and distances between Jean Paul Sartre and *Qohelet* are.

KEY-WORDS: Sartre, existentialism, meaning of life, comparative literature, *Ecclesiastes*.

1 - INTRODUÇÃO

O Existencialismo tem grande influência na sociedade e cultura mundial. Isto é explicitado no filme *Batman Begins* (2005) quando Rachel Dawes, representada por Katie Holmes, fala para Bruce Wayne, estrelado por Christian Bale, num contexto de reencontro em que este estava com muitas mulheres: “Não é o que você é por dentro e sim o que você faz que define você”. Esta é uma frase impactante e de grande efeito nos telespectadores. Contudo, sem perceber, milhões de pessoas que assistiram ao filme e gostaram desta frase, sequer perceberam que ela é um eco do que Jean Paul Sartre (1970) diz em *O Existencialismo é um humanismo*: “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (p.4). Isto não é apenas uma coincidência, é uma declaração explícita de uma ideia que o diretor quer passar aos telespectadores, sendo uma clara evidência de que muito do que absorvermos da mídia e da cultura está permeada de filosofias que retratam e formam uma cosmovisão pública¹.

De fato, não é possível viver sem uma cosmovisão e ela pode ser observada nas obras literárias. Este é o benefício de se analisar a obra *A Náusea*, visto que Sartre não somente é um grande filósofo, mas também um grande literato. Suas obras lhe renderam o prêmio Nobel em 1964, embora ele o tenha recusado. Como literato e filósofo, ele também deixa explícita ou implicitamente sua visão de mundo marcada em seus livros. Por isso, o objetivo deste artigo é analisar a obra primeira do próprio Jean Paul Sartre, *A Náusea*, para identificar a sua visão de mundo na época de então. Após isso, uma breve comparação com o livro de Eclesiastes será feita, mostrando como os temas na obra podem ser teologicamente discutidos.

2 - VIDA DE SARTRE

Uma cronologia básica da vida e obras de Sartre pode ser retirada do livro de Strathern (1999). Nela, pode ser observado que *A Náusea* foi a primeira obra desse

¹ Sire (2017b) trabalha a ideia de cosmovisão pública, entre outras coisas, com o sentido de sistemas mais ou menos coerentes e consistentes de compreensão da realidade – teísmo, deísmo, panteísmo, naturalismo, existencialismo etc – que caracterizam períodos históricos ou sociedades inteiras, embora não sustentadas necessariamente da mesma forma por qualquer indivíduo dentro dessa sociedade.

pensador e lhe trouxe fama como revelação de um escritor de grande talento. Em 1905 nasce Jean-Paul Sartre, em Paris. Um ano depois morre seu pai. Em 1917, a mãe de Sartre casa-se com Joseph Mancy. E eles mudam-se para La Rochelle. Em 1920, Sartre volta a Paris e em 1924 entra para a Escola Normal Superior. Em 1929 conhece Simone de Beauvoir e conclui em primeiro lugar a graduação em filosofia.

Em 1938, sua fama dá início com a publicação de *A Náusea*. No ano seguinte, publica *Esboço de uma Teoria das Emoções*, sua primeira obra filosófica da maturidade. Neste mesmo ano começa a Segunda Guerra Mundial, em que, convocado pelo exército, serve numa unidade do serviço meteorológico. Torna-se prisioneiro de guerra até 1941, quando é, então, liberto e volta à França.

Em 1943, ele publica *O Ser e o Nada*, sua primeira obra filosófica importante. Em 1944, começa a publicar a revista *Les Temps Modernes*. Em 1945, além de ser o fim da guerra é quando ele publica *O existencialismo é um humanismo* como resposta às críticas feitas a *O Ser e o Nada*. Tem início para o filósofo existencialista um período de fama crescente como figura maior do existencialismo.

Em 1952, torna-se marxista e adere ao Partido Comunista. Em 1960, publica a *Crítica da Razão Dialética* e em 1964 publica sua autobiografia *As Palavras*. Neste período, ele ganha o Nobel de Literatura, mas o recusa. Em 1980, morre Sartre, em Paris, aos 74 anos e seu funeral transforma-se numa manifestação pública. Desde sua primeira obra, o proeminente filósofo ateu já mostra sinais de seu forte ateísmo e da sua visão da absurdidade da vida. Isto ficará mais claro na medida em que *A Náusea* for sendo destrinchada.

3 - A NÁUSEA

A Náusea pode ser caracterizada como um romance. Segundo Daniela Diana (2017), professora licenciada em Letras, romance é “a forma literária pertencente ao gênero narrativo e que apresenta uma história completa composta por enredo, temporalidade, ambientação e personagens definidos de maneira clara (DIANA, 2017)”. É uma narrativa longa com personagens variados. Dentro do gênero romance, pode-se especificar ainda mais a obra como sendo do tipo romance realista por ser uma crítica social e apresentar “a crueza dos personagens, sem maquiagem e sem idealismo” (DIANA, 2017). A diferença, porém, do romance realista para o romance naturalista e

romance modernista é muito tênue, uma vez que o naturalista “aponta os aspectos patológicos dos personagens e suas características irracionais” (DIANA, 2017), e o modernista é uma revolução, um protesto e forte crítica às convenções sociais. Poder-se-ia dizer ainda que *A Náusea* é um romance filosófico (SIRE, 2017) no qual as ideias desempenham um papel intenso.

A obra é dividida em dias, começando com um pós-escrito que apresenta o tipo de livro que Roquentin desejava escrever, ou seja, algo que o fizesse lembrar seu passado. Não um passado distante, muito menos um livro qualquer. Uma história, mas não um livro de história. Algo que fosse belo e duro “(...) como aço e que fizesse vergonha às pessoas da sua existência” (SARTRE, 2005, p. 190). Um livro, um diário, pois para ele, “(...) o melhor seria escrever os acontecimentos do dia-a-dia (...) não deixar escapar as diferenças de pormenor. Os fatos miúdos, mesmo quando parecem insignificantes e, sobretudo, ordená-los” (SARTRE, 2005, p. 6). Seu diário inicia-se no dia 29 de Janeiro de 1932, uma segunda-feira. Roquentin não pensava inicialmente em escrever um diário. Ele era um historiador procurando descrever o passado do marquês De Robellon. Para tanto, depois de ter viajado pela Europa Central, pelo Norte da África e pelo Extremo Oriente, ele se estabelece em Bouville, uma cidade fictícia na França, para concluir suas pesquisas históricas sobre este marquês que viveu no século XVIII.

Em meio à pesquisa da vida do marquês, Roquentin descreve detalhadamente as coisas ao seu redor. Ele observa tudo: bares, cafés, museu, ruas, jardins, biblioteca, pessoas, relacionamentos. À medida que o protagonista observa os detalhes da vida, ele se aborrece com a rotina monótona e sem sentido. A falta de sentido nas coisas, pessoas e nele mesmo traz para ele uma náusea, um enjoo.

Essa náusea não é apenas expressa pelo protagonista quando ele diz:

Então a Náusea acometeu-me, deixei-me cair no assento, nem sequer já sabia onde estava; via as cores girarem lentamente à minha volta, tinha vontade de vomitar. E aqui está: desde então que a Náusea não me deixa; a Náusea apossou-se de mim (SARTRE, 2005, p. 25).

Mas de modo brilhante é também feita sentir no leitor a partir da estrutura monótona da história até a descrição da própria náusea com palavras sem nexo que parecem girar como voltas em torno de si mesmo. Strathern (1999) comenta que nesta obra o filósofo existencialista procura responder a pergunta “o que sou eu?”, mas não de

maneira intelectual, e sim, descrevendo a própria sensação da existência. Um exemplo claro desta sensação que caminha à náusea se encontra neste excerto:

O meu corpo de carne que vive, a carne que fervilha e mexe devagarinho licores, fica creme, mexe, mexe, mexe, a água doce e açucarada da minha carne, o sangue da minha mão, dói-me, enfada a minha carne contusa, que mexe, anda, vou a andar, a fugir, sou um ignóbil indivíduo de carne contusa, contusa de existir contra estas paredes. Tenho frio, dou um passo, tenho frio, mais um passo, viro à esquerda, vira à esquerda, pensa que vira à esquerda, doido, estarei doido? Ele disse que tem medo de estar doido, a existência, vê a existência com vista curta, pára, o corpo pára, pensa que pára, donde vem? Que está a fazer? Lá vai outra vez, tem medo, muito medo, ignóbil indivíduo, o desejo como uma névoa, o desejo, o fartum, diz que está farto de existir, está farto? Cansado de farto de existir. Corre. Porque espera ele? Corre para fugir a si próprio, para se deitar à doca? Corre, o coração, o coração a bater, é uma festa. O coração existe, as pernas existem, a respiração existe, existem a correr, a assoprar, a bater molemente, lentamente perde o fôlego, perco o fôlego, diz que perde o fôlego; a existência agarra-me os pensamentos pelas costas, e lentamente desenvolve-os pelas costas; agarram-me pelas costas, obrigam-me por trás de mim a pensar, portanto a ser qualquer coisa, por trás de mim que ofegando formo bolas leves de existência, ele é bola de bruma de desejo, que pálido que fica no espelho, pálido como um morto, Rollebon morreu, Antoine Roquentin não morreu, desmaiar; diz que queria desmaiar, vai a correr os cavalos a correr (pelas costas) pelas costas, pelas costas, a pequena Lucile atacada pelas costas, violada pela existência pelas costas, ele pede misericórdia, tem vergonha de pedir misericórdia, piedade, ó da guarda, ó da guarda, logo existo, entra no Bar da Marinha, os espelinhos do bordelzinho que pálido que fica nos espelinhos do bordelzinho o ruivo alto mole que se deixa cair no assento, o pick-up está a tocar, existe, tudo gira, existe o pick-up, o coração bate: girai, girai, humores da vida, girai gelados, xaropes da minha carne, doces sucos... (SARTRE, 2005, pp. 110-111).

Os principais diálogos são traçados com o autodidata, descrito como alguém que amava os livros e os homens, e Anny, o amor de sua vida no passado. O primeiro desejava ler todo o acervo da biblioteca em ordem alfabética. Possivelmente uma crítica aos enciclopedistas, aos que enfatizavam a busca do conhecimento pelo que outros já produziram, mas não tinha ainda experimentado ou vivenciado nada do que lera. Era bem diferente de Roquentin que já tinha conhecido o mundo por suas viagens e a ninguém amava nem odiava. Anny, por sua vez, se parecia com ele porque ia sobrevivendo a si mesma, porém não podiam salvar um ao outro.

Há muitos temas importantes na obra e é possível perceber a visão do protagonista e, conseqüentemente, do autor em muitos diálogos ou mesmo como narrador onisciente. Estes temas serão tratados a seguir.

4 - TEMAS ENCONTRADOS NA OBRA

Sire (2017) fala que as obras literárias apresentam sinais de transcendência. Esses sinais de transcendência “(...) não são tanto argumentos para a fé cristã, mas elementos ontológicos da própria realidade que se apresentam diante de cada um de nós” (p. 53). Não há como exaurir todos os temas e ecos da obra, por isso, o artigo apresentará os temas que considera mais relevantes para uma leitura teológica.

Um tema importante e recorrente que apresenta a visão de mundo do autor na obra é a *efemeridade da vida e dos eventos*. Na terça-feira, dia 30 de Janeiro, Roquentin começa seu diário dizendo: “Nada de novo” (p. 12). Roquentin vivia sozinho absolutamente sozinho e dizia ele que “(...) quando se vive sozinho, deixa de se saber o que seja narrar: a verossimilhança desaparece ao mesmo tempo que os amigos. E os acontecimentos também: deixamo-los afundarem-se” (p. 13). Essa efemeridade das coisas permite que Roquentin não veja nada como algo especial e a ver tudo como enfadonho, quando diz: “Perdi o gosto pelo trabalho; já não posso fazer nada, senão esperar a noite” (p. 25) e, ainda: “Quando se vive, não sucede nada. Os cenários mudam, as pessoas entram e saem; é tudo. Nunca há princípios. Os dias sucedem aos dias. sem tom nem som (...) e fins também não há” (p. 49).

O protagonista também tinha medo de perder sua *liberdade*. Este é outro tema que aparece no texto. Ele queria se ver livre, livre de qualquer coisa que o amarrasse. Ele comenta: “(...) para dizer a verdade toda, fiquei profundamente impressionado: pensei que deixara de ser livre. Na Biblioteca procurei libertar-me dessa ideia, e não consegui” (p. 15), e tempo depois ele afirma: “(...) depois endireitei-me, de braços caídos. Já não sou livre, já não posso fazer o que quero (p. 16).

O terceiro tema a considerar é a ideia de *propósito*. Roquentin também tinha um propósito de vida que era escrever a biografia do marquês De Robellon. Essa era a única justificativa de sua existência. Mas ao longo da história, o protagonista desiste de seu objetivo. Volta-se para sua ex-namorada como única razão para viver, mas percebe que ela não vive para ele. Dialoga com o autodidata que vê a razão de viver nos homens, em amar aos homens, mas Roquentin considera isto apenas uma abstração, meras palavras. Quando confrontado pelo autodidata sobre o porquê ele escreve, sua resposta é: “não

sei...por nada, por escrever” (p.126). Ele não tinha o direito de existir, “(...) tinha aparecido por acaso; existia como uma pedra, uma planta, um micróbio” (p. 93).

Agora sem propósito, a *existência* passa ser o tema de sua vida. Ele e o que se percebe no presente existem. Dizia ele:

Revelava-se a verdadeira natureza do presente: era o que existe, e tudo o que não era presente não existia. O passado não existia. De modo nenhum. Nem as coisas, nem sequer no meu pensamento. Decerto, havia muito tempo que eu tinha compreendido que o meu me tinha escapado. (...) Agora compreendia: as coisas são inteiramente o que parecem - e por trás delas... Não há nada (SARTRE, 2005, p.104).

É então que Roquentin resume seu entendimento da náusea em sua consciência de contingência: “Sei o que queria saber; compreendi finalmente tudo o que me vem sucedendo desde o mês de Janeiro. A Náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo; mas deixei de sofrer com ela, não se trata já duma doença nem dum acesso passageiro: a Náusea sou eu” (p. 136).

A essência da existência é a *contingência*. E esta apresenta-se como tema fundamental na filosofia sartreana. Segundo Strathern (1999), o brilhantismo do proeminente filósofo ateu foi “(...) perceber essa verdade na experiência, isto é, existencialmente. Tudo era contingente” (p.16). Isto fica claro na obra quando em suas elocubrações, Roquentin pontua: “O essencial é a contingência. Quero dizer que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é estar presente, simplesmente; os existentes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca se podem deduzir” (p. 140).

Mas a existência é um absurdo e é preciso estar consciente disto. O tema do *absurdo* também se faz ouvir. Diz ele: “Cada um tem a sua porfiazinha pessoal que o impede de se aperceber de que existe; não há nenhum que não se julgue indispensável a alguém ou a alguma coisa” (p.120). É um absurdo porque não há fundamento, não há razão para existir. Ele arrazo: “E sem formular claramente nenhum pensamento, eu compreendia que tinha encontrado a chave da Existência, a chave das minhas Náuseas, da minha própria vida. De facto, tudo quanto pude alcançar em seguida me fez voltar à noção desse absurdo fundamental. Absurdo: outra palavra, afinal” (p.138). Não se podia explicá-la, porque, afinal de contas, “o mundo das razões e das explicações não é o da existência” (pp. 138-139). Ele acrescenta depois: “Todo o existente nasce sem razão, prolonga-se por fraqueza e morre por encontro imprevisto” (p. 144).

Deste modo, Deus é retirado de cena. De fato, para se entender a vida desta forma, Deus é tirado de cena não como conclusão, mas como fundamento. Pode-se considerar a *ausência de Deus* o tema do qual outros temas são afirmados. O protagonista explica: “Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão de óptica, uma aparência que se possa dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita” (p. 140).

5 - ANÁLISE COMPARATIVA

Sire (2017) em seu livro *Apologética Além da Razão* desenvolve uma teoria da literatura e nela afirma que a literatura materializa uma visão da realidade, isto é, uma cosmovisão. Dos vários modos que isso pode acontecer, alguns romances materializam sua cosmovisão primariamente através dos personagens ou do desenvolvimento deles. A *Náusea* parece concretizar sua cosmovisão ao imaginar o funcionamento interno da mente do romancista. Se, conforme Sire (2017), o propósito do artista é fazer o leitor visualizar o mundo secundário, entender o que acontece no mundo primário, experimentar esteticamente a obra e seu mundo secundário e, com isso, perceber a natureza da realidade tal qual o artista lhe deu forma, pode-se dizer que Sartre conseguiu fazer isto na obra *A Náusea* não apenas através dos diálogos, da mente do protagonista, mas pela própria forma em que a náusea é narrada.

Por todos os temas destacados anteriormente e pela vida de Sartre ser caracterizada por essa filosofia, não é difícil de dizer que Sartre usa da literatura para mostrar seu ponto, para defender seu existencialismo. Por isso, é importante entendermos um pouco mais o que vem a ser o existencialismo enquanto cosmovisão.

Algumas pessoas podem confundir existencialismo com niilismo, contudo, a essência do objetivo mais importante do existencialismo é transcender o niilismo. O último é caracterizado por uma completa falta de sentido e que, por sua vez, tornou-se a “cosmovisão culturalmente penetrante de nossa era” (SIRE, 2018, p.145). Em sentido estrito, diz Sire (2018), o niilismo é a negação de qualquer filosofia ou cosmovisão – a negação da epistemologia e da ética. “Se ele avança para a negação absoluta de tudo, nega até mesmo a realidade da própria existência” (p. 117). O existencialismo, portanto, procura levar o niilismo a sério, tentando ser uma resposta a ele à medida que afirma a

existência. Penha (2001) ainda acrescenta que “o existencialismo é a doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto” (p. 11).

O existencialismo de Sartre é um existencialismo ateu. Isto significa que há existencialistas cristãos que não coadunam com pressupostos metafísicos, cosmológicos e éticos dos ateístas. Contudo, é precisamente a forma secular do existencialismo com a aceitação das respostas do naturalismo e com o reconhecimento literário no mundo que se torna mais conhecido e culturalmente influenciador.

Jean Paul Sartre entende que seu existencialismo é mais coerente do que o existencialismo teísta porque “(...) se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem” (1970, p.4). Sire (2018) apresenta algumas características do existencialismo e pode-se notar a semelhança com alguns dos temas previamente destacados no presente artigo como cosmologia, Deus e propósito:

Em suma: *A matéria existe eternamente; Deus não existe*. A morte é a extinção da personalidade e da individualidade. Por meio da razão humana inata e autônoma, incluindo os métodos da ciência, podemos conhecer o universo. O cosmo, incluindo este mundo, encontra-se em seu estado normal. A ética se relaciona apenas com os seres humanos. A história é o fluxo linear de acontecimentos ligados por causa e efeito, mas *sem propósito abrangente* (p. 147, grifo nosso).

Como consequência de Deus ser tirado de cena na visão sartreana, “cada pessoa é totalmente livre. Cada um de nós age de forma não coagida; somos radicalmente capazes de fazer qualquer coisa imaginável com nossa subjetividade” (SIRE, 2018, p. 150).

É interessante perceber alusões a Eclesiastes não apenas nas citações supracitadas sobre a efemeridade da vida, mas numa alusão direta de Roquentin ao dizer: “Por trás da sua importância adivinha-se uma preguiça tristonha: veem desfilar as aparências, bocejam, pensam que não há nada de novo debaixo do Sol” (p. 78).

A mesma ideia aqui e nas citações sobre a efemeridade da vida pode ser encontrada no primeiro capítulo de Eclesiastes nos versos de 8-11:

Todas as coisas são canseiras tais, que ninguém as pode exprimir; os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir. O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; *nada há, pois, novo debaixo do sol*. Há alguma coisa de que se possa dizer: *Vê, isto é novo?* Não! Já foi nos séculos

que foram antes de nós. Já não há lembrança das coisas que precederam; e das coisas posteriores também não haverá memória entre os que hão de vir depois delas (ARA, 2008, p.905, grifo nosso).

Eclesiastes chama atenção por ser um livro sapiencial com notas de pessimismo quanto a vida (1.2), ao conhecimento (1.1-11), ao prazer (2.1-11), ao trabalho (2.18-25). O título original do livro bíblico é *Qohelet* que pode ser traduzido como congregante, mestre ou pregador. A raiz da palavra (qanal) significa “convocar uma assembleia” (ARCHER Jr, 1991, p. 430), o que faz de Pregador uma palavra adequada para traduzir *Qohelet*.

Por ser um livro de sabedoria, é importante ainda diferenciá-lo de outro livro bíblico de sabedoria, ou seja, Provérbios. Este apresenta uma sabedoria chamada de didática normalmente ensinada no contexto familiar, criados para ensinar a sabedoria prática (BÍBLIA, 2009, p.646). Eclesiastes, por sua vez, apresenta a dissonância que existe entre os princípios gerais de Provérbios com a experiência do mundo caído². Ele “explora o uso apropriado da sabedoria proverbial chamando a atenção para os enigmas da vida” (BÍBLIA, 2009, 647. Comentário do editor).

Vista como um paralelo com Eclesiastes, a vida de Roquentin é semelhante a do Pregador que relata sua busca pelo sentido da vida “debaixo do sol”, ou seja, vista sem uma perspectiva sem Deus (DILLARD e LOGMAN III, 2006). Ao começar o livro de Eclesiastes, um livro de sabedoria, o Pregador declara que tudo é vaidade. Esta é uma palavra hebraica que significa vapor. Outra expressão sinônima de vaidade usada em Eclesiastes é “correr atrás do vento” (Ec 1.14, 17; 2.11, 17, 26). A ideia básica da declaração do Pregador é que tudo é efêmero, passageiro e fútil.

Estruturalmente, Dillard e Logman III (2006) apresentam uma divisão em três partes: “Um breve prólogo que introduz alguns dos temas do pensamento de Coélet [sic] (Ec 1.1-11), continua com um longo monólogo de Coélet (1.12-12.8) e termina com um curto epílogo (12.8-14)” (p.239). Archer Jr (1991, pp. 431-434), por sua vez, divide a obra em cinco discursos:

² Mundo caído é um termo utilizado para falar do mundo pós-Queda, conforme descrito em Gn 3, com as maldições tanto relacionais quanto cósmicas.

I – Primeiro discurso: A vaidade da sabedoria humana, 1.1-2.26.

II - Segundo discurso: Colocando-se em contato com as leis que governam a vida, 3.1-5.20.

III – Terceiro discurso: Não há satisfação nos bens e tesouros da terra, 6.1-8.17.

IV – Quarto discurso: Deus vai tratar das injustiças desta vida, 9.1-12.8.

V – Quinto discurso: A vida à luz da eternidade, 12.9-14

Esta última divisão ajuda um pouco mais a entender como a literatura sapiencial de Eclesiastes se assemelha com a obra *A Náusea*. Principalmente, no que se refere aos três primeiros discursos.

No primeiro discurso, como Roquentin, o Pregador considerar o conhecimento humano vaidade e correr atrás do vento porque quanto mais se tem, diz, ele, mais aumenta a tristeza (Ec 1.17,18), além disso, do que adianta ter sabedoria se a morte vem tanto para o sábio quanto para o louco? (Ec 2.15-17).

Por que falar de propósito quando a vida é um absurdo vivido dentro de sua contingência? O poema *Tempo* de Eclesiastes é um dos excertos que mais faz paralelo com este tema desenvolvido no segundo discurso. Pela importância da numeração, esta fará parte da citação:

ITudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: 2há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; 3tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; 4tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; 5tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; 6tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; 7tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; 8tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz (ARA, 2008, pp. 907-908, grifo nosso).

Bezerra (2016), ao fazer uma análise estilística do poema *Tempo* em Eclesiastes 3, observa que os versos 2-7 apresentam pequenos quiasmos³ verbais fechados pelos versos 1 e 8, que também são quiasmos, mas que apresentam uma forma substantivada,


³ Quiasmo é um termo usado para designar uma figura literária, muito comum na poesia hebraica, que implica trocar a ordem dos elementos de duas seqüências numa forma de X.

indicando o início e o fim do poema que funcionam como uma caixa na qual os eventos acontecem. Por exemplo, no verso 1 tem-se:

(A) - Tudo tem o seu tempo (B) determinado,
(A') e há tempo (B') para todo propósito debaixo do céu

E no verso 8, nota-se:

Tempo de amar e (B) tempo de aborrecer;
(B') tempo de guerra e (A') tempo de paz



Bezerra (2016) afirma ainda que: “a figura [apresentada pelo quiasmo de Ec 3.1-8] diria respeito a uma espécie de mundo fechado, debaixo do sol, uma cadeia de causas e efeitos intransponíveis” (p. 82). De modo que o autor do poema teria, de propósito, retratado a vida como sendo restrita a uma grande prisão que não possibilitaria o ser humano achar nenhuma saída ao longo de suas experiências. As experiências desejadas como viver, edificar e rir são contrapostas por fatores indesejados no mundo caído como morrer, derrubar e chorar. Tenta-se sair do absurdo proporcionado pela existência no mundo, mas não há saída.

Com esta abordagem, continua ele, o autor de Eclesiastes se aproxima muito de existencialistas modernos, tais como Sartre. De fato, este entende que existe sem propósito, sem leis universais, sem um criador. Entende que na consciência interior da mente, “o sujeito é sempre presente para si mesmo” (SIRE, 2018, p.148); contudo, vive em um mundo ordenado, com princípios universais tais como causa e efeito, não-contradição, uniformidade da natureza, das quais criam uma tensão entre determinação e liberdade. O mundo, então, se torna absurdo porque sua objetividade não se encaixa na subjetividade enfatizada pelo existencialismo. Sartre, ao retirar Deus de sua filosofia, apresenta as últimas consequências de sua busca por autonomia. Como afirma Sire (2018): “O existencialismo ateu ultrapassa o niilismo apenas para alcançar o solipsismo, o eu solitário” (p. 159). Na tentativa de criar valores enquanto ser consciente, a realidade da morte ecoa mais uma vez seu grito: tudo é vaidade, efêmero e sem sentido!

No entanto, a perspectiva considerada pelo Pregador é aquela “para além do sol”, desenvolvida explicitamente no quinto discurso, que o permite se alegrar com as coisas da terra, não colocando o sentido último nelas, mas usando-as como meio de honrar ao

Deus que lhe deu a vida e as demais coisas. Bezerra (2016) pontua: “(...) a proposta, atestada pelo contexto maior, versos 9-15, é despertar a mente e o coração para Deus e a eternidade enquanto ainda resta algum tempo” (p.87). C.S. Lewis (2005), ao falar sobre esperança como uma virtude teologal, aborda esta questão de modo magistral:

As criaturas não nascem com desejos que não podem ser satisfeitos. Um bebê sente fome: bem, existe o alimento. Um patinho gosta de nadar: existe a água. O homem sente o desejo sexual: existe o sexo. *Se descobro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui criado para outro mundo.* Se nenhum dos prazeres terrenos satisfaz esse desejo, isso não prova que o universo é uma tremenda enganação. Provavelmente, esses prazeres não existem para satisfazer esse desejo, mas só para despertá-lo e sugerir a verdadeira satisfação. Se assim for, tenho de tomar cuidado, por um lado, para nunca desprezar as bênçãos terrenas nem deixar de ser grato por elas; por outro, para nunca tomá-las pelo 'algo a mais' do qual são apenas a cópia, o eco ou a miragem (LEWIS, 2005, p. 63, grifo nosso).

Ao ouvir o Pregador falar da vaidade da vida, possivelmente Roquentin e Sartre se sentariam juntamente com a congregação para ouvi-lo fazer ressonância a suas ideias. Contudo, a resposta do Pregador é que essa perspectiva leva ao vazio e a morte, pelo simples fato de que fomos criados com a eternidade em nós para podermos olhar além do sol (Ec 3.11), em outras palavras, a essência precede a existência.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Náusea como literatura é fascinante por conseguir expressar a visão do autor de modo que o leitor não somente entenda, mas, sinta o que é viver sem propósito. É uma demonstração de alguém que deseja viver uma vida sem Deus. Não há muita ação, mas há diálogos e reflexões que fazem o leitor pensar em suas próprias relações.

Reconhecer que não há propósito objetivo é importante na obra. Mesmo adotando esta perspectiva, é possível que alguns queiram criar um sentido de vida para si, contudo, a busca pelo sentido da vida é ilusória se estiver fundamentada em uma falta de sentido da realidade. Sartre desejava existir sem fundamento para existir e, com isso, o único resultado possível era que o sentido da vida era não ter sentido objetivamente, e isto torna a vida absurda. No final das contas, a tentativa de responder ao niilismo tornou-se vã, visto que nada respondeu. As consequências de viver como Roquentin é um solipsismo que não ajuda a viver, mas a suicidar-se. Isto acontece porque ao viver deste modo, o ser

humano perde parte de quem ele é como ser relacional, como imagem e semelhança do Deus Trino, criado para relacionar-se.

REFERÊNCIAS

ARCHER Jr, Gleason. **Merece Confiança o Antigo Testamento?** São Paulo: Vida Nova, 1991.

BATMAN Begins. Direção de Christopher Nolan. California: DC Comics, 2005.

BEZERRA, Carlos A. É tempo de interpretar o tempo: uma análise histórica e exegética do poema Tempo no livro de Eclesiastes. In: GUSSO, A.R; KUNZ, C.A (Orgs). **Nas entrelinhas do texto bíblico: exercícios de leitura e interpretação.** Curitiba, PR: Núcleo de Publicações FABAPAR, 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Almeida Revista e Atualizada. 2 Ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo de Genebra. Almeida Revista e Atualizada. 2 Ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura cristã, 2009.

CRONOLOGIA DE SARTRE. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 de Agosto de 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/14/mais!5.html/> Acesso em 25 Junho 2019.

DIANA, Daniela. O que é romance? **Toda Matéria.** 2017. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-romance/>. Acesso em 25 Junho 2019.

DILLARD, Raymond; LOGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2006.

LEWIS, C.S. **Cristianismo puro e simples.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PENHA, João da. **O que é existencialismo?** São Paulo: Brasiliense, 2001.

SARTRE, Jean P. **A Náusea.** Portugal: Publicações Europa-América, 2005.

_____. **Existencialismo é um humanismo.** 1970. Disponível em: http://stoa.usp.br/alexcarneiro/files/-1/4529/sartre_existencialismo_humanismo.pdf. Acesso em 25 Junho 2019.

SIRE, James W. **Apologética para além da razão: porque ver é realmente crer.** São Paulo: Cultura Cristã, 2017a.

_____. **Dando nome ao elefante.** 2ª Edição. Brasília-DF: Monergismo, 2017b.

_____. **O Universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão.** 5ª Edição. Brasília-DF: Monergismo, 2018.

STRATHERN, Paul. **Sartre em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.